

POBRES FARAÓS DIVINOS...

*Emanuel Araújo**

O termo faraó entrou em nosso vocabulário com uma conotação abertamente pejorativa, sobretudo na expressão 'obra faraônica', que qualifica obra arquitetônica grandiosa e cara, não raro inútil ou de restrita utilidade, erigida sob o patrocínio de um governante em busca de autopromoção, às custas do dinheiro e do sacrifício públicos. A expressão, assim, subentende a imagem estereotipada do faraó: déspota implacável e egoísta que detinha o poder absoluto sobre todos os seus súditos, controlando com mão de ferro o funcionamento do Estado em qualquer de seus níveis. O próprio título 'faraó', aliás, parece corroborar a imagem negativa; a palavra grega *pharaó*, com efeito, é tradução do egípcio *per-aa*, que significa 'casa grande' ou 'a maior casa'. Na verdade designava o palácio, mas igualmente a instituição (também Residência) e a pessoa do rei, mais ou menos como acontece com Sublime Porta, Casa Branca, Palácio do Planalto etc.

Não é difícil discernir a origem da imagem: a figura do faraó ocupou durante três milênios uma posição central na história da civilização egípcia, destacada com ênfase que nos pareceria excessiva, nos domínios da religião, da arte, da política. Acontecia, porém, que ele era um homem exercendo uma função divina, um ser humano que desempenhava o papel de um deus. Não por acaso em sua titulatura e nos apelativos aparecia designado como 'filho de' tal ou qual deus, 'imagem' desta ou daquela divindade, 'amado' ou 'favorecido' pelos deuses. Encarnação do deus na Terra,

* Professor e pesquisador associado do Departamento de História da Universidade de Brasília.

podia ter culto em vida, pois era o guardião e o fiador da ordem cósmica neste mundo.¹

As inscrições e as imagens espalhadas por todo o território egípcio apresentam o faraó sempre de maneira idealizada, porém não podiam esconder um fato: suas proezas militares e seus atos oficiais e quotidianos desenrolavam-se na esfera humana; ele afinal era humano. Os egiptólogos, aliás, têm o raríssimo privilégio (único?) de poder ficar frente a frente com o invólucro corporal de soberanos e personagens da civilização que estudam, e assim fazer uma idéia às vezes bem precisa de sua aparência verdadeira, e não aquela padronizada na arte, de pessoa sempre jovem e em pleno vigor físico. A simples observação dessas múmias revela detalhes anatômicos e biográficos que de outro modo jamais saberíamos: três faraós sucessivos, por exemplo, mostram o traço familiar do nariz adunco (Séti I, seu filho Ramessés II e o neto Meren-Ptah). Já a múmia de um rei da 17ª dinastia, Scqenen-Ra, não deixa dúvida sobre a causa de sua morte: a cabeça mostra seis profundos ferimentos no crânio, na face e no pescoço causados por armas de bronze de um feitio usado pelos hicsos, que tinham invadido o norte do Egito e estavam justamente em guerra com aquele faraó; tudo indica, assim, que ele tenha morrido no campo de batalha ou pouco depois, o que não é mencionado por qualquer fonte escrita. Os homens que governaram um dos mais poderosos países da Antigüidade não eram altos: a maioria tinha cerca de 1,70m, exceção feita a Tut-més III (1,62m) e a Ramessés II (1,80m).

O exame das múmias nem sempre indica a causa da morte, mas o estado físico no momento do falecimento permanece preservado. Tut-més IV, por exemplo, tinha por volta de trinta anos

1. Os trabalhos mais recentes sobre o assunto são os de Marie-Ange Bonhême e Annie Forgeau, *Pharaon: les secrets du pouvoir* (Paris: Armand Colin, 1988) e de David O'Connor e David P. Silverman (eds.), *Ancient Egyptian kingship: new investigations* (Leiden: E. J. Brill, 1995). Mas ver também Henri Frankfort, *Kingship and the gods* (Chicago: University of Chicago Press, 1948), Georges Posener, *De la divinité du pharaon* (Paris: Imprimerie Nationale, 1960), além de Erik Hornung, 'Le pharaon', em Sergio Donadoni (ed.), *L'homme égyptien* (trad. franc., Paris: Seuil, 1992), pp. 337-373.

ao morrer, mas estava extremamente magro e debilitado. Amenhotep III, ao contrário, padecia de acentuada obesidade e seus dentes mostravam um quadro estarrecedor, com grande quantidade de orifícios e cobertos de tártaro; as cáries resultavam naturalmente em abscessos e o faraó decerto sofreu terríveis dores de dente e problemas de estômago. O grande Ramessés II ultrapassou os oitenta anos de vida, mas ao falecer estava com a dentição horrível e padecia de osteoartrite nos quadris e de arteriosclerose nas pernas, o que lhe provocava hipertensão e dificultava movimentar-se. Seu 13º filho e sucessor, Meren-Ptah, estava com mais de cinquenta anos quando ascendeu ao Trono e reinou apenas durante dez anos. A múmia desse faraó mostra que era um homem obeso e, como seu pai, com dentes estragados; além disso, as vértebras de seu pescoço apontam para uma artrite degenerativa e as mãos e os fêmures revelam fraturas.²

De fato é um privilégio estar face a face com antigos reis, mas como assinala um egiptólogo, “o invólucro vazio da múmia nada nos diz sobre o pensamento e os sentimentos do homem que outrora o habitou”.³ Obrigamo-nos, assim, a buscar outro caminho de pesquisa, embora seja difícil encontrar fontes que não se refiram bajulatoriamente à pessoa do monarca como “um deus sem igual”, “senhor da sapiência”, “o que expande as fronteiras” e que “combate e planeja sua meta, indiferente a tudo mais”.⁴ No entan-

2. Cf. Barbara Adams, *Egyptian mummies* (2ª ed., Aylesbury: Shire, 1988), cap. 5, Christine El Mahdy, *Mummies, myth and magic in ancient Egypt* (Londres: Thames and Hudson, 1991), pp. 84-91, Joyce Filer, *Disease* (Londres: British Museum, 1995, coleção Egyptian Bookshelf), pp. 21, 86-88, 94, e John F. Nunn, *Ancient Egyptian medicine* (Londres, British Museum, 1996), especialmente pp. 79, 92, 174.
3. Erik Hornung, *op.cit.* na nota 1, p. 348.
4. Na história de Sanehet (Sinuhe). Dentre uma quantidade de traduções, ver por exemplo Gustave Lefebvre, *Romans et contes égyptiens de l'époque pharaonique* (reed., Paris: Maisonneuve, 1988), pp. 5-25, Miriam Lichtheim, *Ancient Egyptian literature* (reimpr., 3 vols., Berkeley: University of California Press, 1975-1980), pp. 222-235, William Kelly Simpson (ed.), *The literature of ancient Egypt* (nova ed., New Haven: Yale University Press, 1973), pp. 58-74, e Claire Lalouette, *Textes sacrés et textes profanes de l'ancienne Égypte* (2 vols., Paris: Gallimard, 1984-1987), vol. 2, pp. 226-238. Tradução mais recente em Ciro Flamarion Cardoso, *Sete olhares sobre a Antigüidade* (Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1994), pp. 128-142.

to essas fontes existem e por intermédio delas podemos nos aproximar um pouco daqueles personagens que nos parecem tão distantes e onipotentes.

A própria cultura oral da sociedade em que viveram legou-nos certo número de imagens de alguns desses faraós, diferentes das veiculadas pela ideologia oficial. Em três peças literárias (e de maneira diversa) o monarca revela-se pusilânime; em nenhuma se consigna o nome do rei, sublinhando-se apenas sua fraqueza humana. Um dos relatos, contido no Papiro D'Orbiney (Museu Britânico, nº 10.183) e conhecido como *História dos dois irmãos*,⁵ mostra por duas vezes o faraó enganado por um artil de sua mulher: "Sua Majestade sentou-se e com ela passou um dia agradável. Ela embebedava Sua Majestade e ele estava muito, muito feliz com ela. Então pediu à Sua Majestade: 'Jura-me pelo deus, dizendo: - O que a favorita pedir eu o farei'. E ouviu tudo o que ela pediu". Pior. Após ouvir o pedido, "ele ficou muito, muito aflito", mas nos dois casos atendeu-a, pois se deixara embebedar e havia jurado cumprir a vontade da mulher, por mais absurda que lhe parecesse. No outro texto (cópia única do *recto* do Papiro Leiden, nº 344), em geral intitulado *Admoestações de Ipu-ur*,⁶ um soberano fraco é veementemente repreendido por não manter a paz interna no país, então em convulsão social: "Deixaste que a desordem se instalasse em todo o país com o clamor dos contendores. Em verdade todos se excedem e infringem tuas ordens. ...Deixaste que [a situação] chegasse a este ponto. Mentiste e o país é uma erva daninha que mata as pessoas. ...Pudesses provar um pouco desses infortúnios!". Finalmente, a peça do verso do Papiro Harris 500 (Museu Britânico, nº 10.060), que os

-
5. Ver Gustave Lefebvre, *op.cit.*, pp. 142-158, Miriam Lichtheim, *op. cit.*, vol. 2, pp. 203-211, William Kelly Simpson, *op. cit.*, pp. 93-107, e Claire Lalouette, *op. cit.*, vol. 2, pp. 161-171. Tradução mais recente em Susan Towe Hollis, *The ancient Egyptian "Tale of two brothers": the oldest fairy tale in the world* (Norman: University of Oklahoma Press, 1990), pp. 5-15.
 6. Ver Miriam Lichtheim, *op. cit.*, vol. 1, pp. 150-163, William Kelly Simpson, *op. cit.*, pp. 211-229, e Claire Lalouette, *op. cit.*, vol. 1, pp. 212-221.

egiptólogos intitularam *O príncipe predestinado*, mostra um faraó atônito e impotente ante o destino de seu filho único, condenado por deusas a perecer “pelo crocodilo, ou pela serpente, ou ainda pelo cão”.⁷

Ao contrário desses reis inseguros e meio apáticos, a tradição consigna o nome de Quéops (em egípcio Khufu, abreviatura de Chnum-khufui, ‘(O deus) Chnum protege-me’, construtor da grande pirâmide de Gizeh, como um tirano de seu povo. Ainda em meados do século V a.C., quando o Egito estava sob domínio persa, Heródoto (II, 124) registrava que esse monarca fechara os templos e que forçara toda a população a trabalhar na construção de sua pirâmide, levando assim o país à miséria extrema. Não faltaram autores que atribuíram essa tradição hostil ao senso de medida e de respeito à coisa pública da *interpretatio graeca*, ou ainda a atitude própria dos egípcios, desde Eduard Meyer, na década de 1880 (“fábulas inventadas pelos guias que conduziam os estrangeiros”),⁸ a John A. Wilson, na década de 1950 (“se este faraó era o Estado, amo da nação e do que nela havia, ...então as supremas energias da nação seriam empregadas na construção da morada eterna do faraó”, assim como “todo egípcio poderia sentir-se feliz ao consagrar seu maior esforço a seu governante divino”).⁹

É verdade que no Período Tardio há vários indícios de templos consagrados a Quéops,¹⁰ mas a julgar pela tradição literária do próprio Egito faraônico a época daquele rei e sua própria pessoa não eram unanimemente bem-vistas. O autor de um notável diálogo entre um homem desesperado e sua ‘alma’ (Papiro Berlim, nº 3.024) clama ressentido que “os que erigiram em granito, que

7. Ver Gustave Lefebvre, *op. cit.*, pp. 118-124, Miriam Lichtheim, *op. cit.*, vol. 2, pp. 200-203, William Kelly Simpson, *op. cit.*, pp. 85-91, e Claire Lalouette, *op. cit.*, vol. 2, pp. 181-185.

8. *Geschichte des Altertums* (7ª ed., vols. 1-2. Stuttgart: Gotta, 1953-1954), vol. 1, § 234.

9. *The culture of ancient Egypt*, originalmente publicado sob o título *The Burden of Egypt* (reimpr., Chicago: The University of Chicago Press, 1968), pp. 83-84.

10. Cf. Alan B. Lloyd, *Herodotus book II* (3 vols., Leiden: E. J. Brill, 1975-1988), vol. 3, p. 62.

fizeram salas em pirâmides perfeitas de excelente construção, tornaram-se deuses, [mas hoje] suas mesas de oferendas estão abandonadas, como se houvessem morrido à margem do rio sem descendentes. A água envolve-os, assim como o Sol, e os peixes da beira do rio conversam com eles".¹¹ Já no Papiro Harris 500 (Museu Britânico, nº 10.060) um harpista cantava que "os deuses [= reis] que existiram antes de mim repousavam em suas pirâmides, assim como os nobres glorificados. Mas suas tumbas, sua morada [eterna], já não existem. O que sucedeu a elas?".¹² Tal era o sentimento que animava parcelas cultas do Egito a respeito dos grandes monumentos da época de Quéops, séculos e séculos após sua construção. Não se nomeia qualquer faraó, mas genericamente 'deuses' e 'reis' daquela época, ainda lembrados pelo esforço inútil de preservar sua memória em dolorosas e fugazes obras. Nesse sentido Georges Posener afirma, com propriedade, que esses escritores no fundo

constatam que os reis e os nobres não lograram perpetuar seu culto e assegurar a imortalidade, apesar dos meios empregados; não concluem, de fato, que o esforço imposto ao país de nada serviu, mas essa idéia está subjacente e seu corolário é a condenação dos que, egoisticamente e sem qualquer utilidade, oprimiram seus súditos com trabalho.¹³

Talvez a origem da tradição negativa da imagem de Quéops resida justamente no fato de ele ter sido o construtor da maior

11. Ver Miriam Lichtheim, *op. cit.*, vol. 1, pp. 164-169, William Kelly Simpson, *op. cit.*, pp. 201-209, e Claire Lalouette, *op. cit.*, vol. 1, pp. 221-226.

12. Ver Miriam Lichtheim, *op. cit.*, vol. 1, pp. 196-197, William Kelly Simpson, *op. cit.*, pp. 306-307, Claire Lalouette, *op. cit.*, vol. 1, pp. 228-229, assim como François Daumas, *La civilisation de l'Égypte pharaonique* (Paris: Arthaud, 1965), pp. 404-405, e a tradução recente de Richard B. Parkinson, *Voices from ancient Egypt: an anthology of Middle Kingdom writings* (Norman: University of Oklahoma Press, 1991), pp. 145-146.

13. *Littérature et politique dans l'Égypte de la XII^e dynastie* (Paris: Honoré Champion, 1969), p. 10.

pirâmide, por sua vez imagem visível de uma época opressiva. Mas um comentador recente de Heródoto parece tender a considerar a propaganda negativa como originada no sacerdócio, que jamais perdoaria o monarca que preterira os templos em benefício da ereção de seu grande monumento.¹⁴ É possível que isto explique o fato de Senéfru, pai de Quéops, ter sido poupado dessa má fama, apesar de ter mandado construir maior número de pirâmides. De qualquer modo, como observa Erik Hornung, o tal despotismo “não pode recair somente na construção de pirâmides”.¹⁵

Eram decerto críticas veladas e genéricas, mas também há relatos sobre faraós concretos, de modo que podemos tentar apreender quanto possível algo de seus sentimentos. Vemos nas histórias do Papiro Westcar (Museu de Berlim, nº 3.033),¹⁶ por exemplo, quão diferentes podiam ser as personalidades de pai e filho. Dentro da tradição hostil, Quéops aparece ali como soberano arrogante. Narra-se, com efeito, que foi levado à sua presença um mago com fama de repor cabeças cortadas; o rei, em desprezo pela vida humana, simplesmente ordenou: “Tragam-me um prisioneiro do cárcere para que seja executado!” Diante de todos, porém, no salão de audiências do palácio, o mago deu-lhe uma lição de moral: “Mas não um ser humano, soberano, meu senhor, pois não é permitido fazer tal coisa com o sagrado rebanho!”. O homem foi então trocado por animais. Nessa história, aliás, fica-se com a impressão de que “os poderes sobrenaturais parecem pertencer mais ao sábio que ao faraó”.¹⁷ Enquanto Quéops chamava o mago de “servidor”, seu pai Senéfru, na mesma série de relatos desse papi-

14. Alan B. Lloyd, *op. cit.* na nota 10, vol. 1, pp. 108-109, e vol. 3, p. 63.

15. *Op. cit.* na nota 1, p. 351.

16. Ver Gustave Lefebvre, *op. cit.*, pp. 73-90, Miriam Lichtheim, *op. cit.*, vol. 1, pp. 216-222, William Kelly Simpson, *op. cit.*, pp. 16-30, e Claire Lalouette, *op. cit.*, vol. 2, pp. 173-180.

17. David P. Silverman, ‘Divinity and deities in ancient Egypt’, em Byron E. Shafer (ed.), *Religion in ancient Egypt: gods, myths, and personal practice* (2ª impr., Ithaca: Cornell University Press, 1992), pp. 7-87, citação na p. 64.

ro, dirige-se a outro mago como “meu irmão”. No texto conhecido como *Profecias de Neférti* (Museu do Ermitage, nº I.116 B),¹⁸ o mesmo Senéfru chama os membros de seu conselho de “companheiros” e um sacerdote de “meu amigo”, pedindo-lhe para narrar algo que o distraísse; além disso, o próprio faraó “em seguida estendeu sua mão para a caixa com o necessário para a escrita e [daí] tirou um rolo de papiro e uma paleta, e começou a escrever as palavras do sacerdote-leitor Neférti”.¹⁹

Aproximemo-nos um pouco mais e vejamos como se expressavam os sentimentos dos faraós. Eles não eram pessoas normais, mas homens que compartilhavam da essência do divino, e sabiam muito bem disso. Diante do rei o súdito tinha de prostrar-se no chão (“estendi-me sobre meu ventre e perdi os sentidos diante dele”,²⁰ e também “os governantes de Medja, Irtjet e Uauat beijaram a terra e aclamaram grandemente” o rei)²¹ ou dobrar-se respeitosamente (conselheiros “curvados sobre seus ventres diante de Sua Majestade”).²² Sofreria punição quem tocasse, mesmo involuntariamente, na pessoa do rei, e este fato era tão extraordinário que mereceu o registro na tumba do sacerdote Ra-ur, que viveu durante a quinta dinastia. Certa vez ele participava de uma cerimônia na qual estava presente o faraó Nefer-ir-ka-Ra e de repente a maça do rei tocou por acaso em sua perna, mas o soberano interveio a seu favor e ordenou: “Minha Majestade deseja que ele

18. Ver Gustave Lefebvre, *op. cit.*, pp. 96-105, Miriam Lichtheim, *op. cit.*, vol. 1, pp. 140-145, William Kelly Simpson, *op. cit.*, pp. 234-240, e Claire Lalouette, *op. cit.*, vol. 1, pp. 70-74.

19. A boa imagem de Senéfru chegou aos ouvidos de Heródoto (II, 124) e alcançou o século VII A.D., quando em torno de 690 um bispo copta se referira a ele como bom governante: ver Erhart Graefe, ‘Die gute Reputation des Königs Snofru’, em Sarah Israelit-Groll, *Studies in Egyptology presented to Miriam Lichtheim* (2 vols., Jerusalém: Magnes, 1990), vol. 1, pp. 257-263, em particular pp. 261-263.

20. *História de Sanehet*, ver nota 4.

21. Grafite do Reino Antigo, tradução em Alessandro Roccati, *La littérature historique sous l’Ancien Empire égyptien* (Paris: Cerf, 1982), § 268.

22. *Profecias de Neférti*, ver nota 18.

passa muito bem, de modo que nada de mau lhe aconteça!”²³ Beijar o pé do faraó, portanto, seria considerado suprema honraria, sinal de grande prestígio, como sucedeu com Ptah-nash, vizir do mesmo Nefer-ir-ka-Ra: “Quando Sua Majestade viu que beijaria a terra, Sua Majestade disse: – Não bejies a terra, beija meu pé”. Ao ouvirem isso, “os filhos do rei e os cortesãos que estavam no palácio tremeram de medo”.²⁴

Como devia sentir-se um homem com tamanho poder? Podemos acreditar em Diodoro da Sicília, que esteve no Egito em torno de 60 a.C., em fins do período ptolomaico, ao escrever que o faraó se submetia a uma agenda diária absolutamente regulada, porquanto não apenas “o momento de tratar dos negócios e de julgar era determinado, mas também o de seu passeio, do banho, de dividir o leito com sua mulher, em suma o tempo de todos os atos de sua vida” (I, 70: 10). Tampouco devia ter ou podia escolher à vontade amigos íntimos, pois “seu serviço não era assegurado por escravos comprados ou nascidos no palácio, mas todos os seus servidores eram filhos dos mais ilustres sacerdotes, que tivessem passado dos vinte anos e os mais bem educados entre seus compatriotas” (I, 70: 2).²⁵ Mas havia também momentos de folga, quando a solidão e o tédio seriam inevitáveis, e assim não nos admiremos de ver que “o rei Senéfru perambulava por todos os aposentos do palácio em busca de alguma distração, mas não achava nenhuma”. Então solicitou o auxílio de um conselheiro, que lhe sugeriu um passeio de barca “com todas as moças belas do interior do palácio”. O faraó não se fez de rogado e sua imaginação foi longe, aceitando a sugestão com entusiasmo:

23. Ver tradução em Alessandro Roccati, *op. cit.* na nota 21, § 74, e Éric Doret, *The narrative verbal system of Old and Middle Egyptian* (Genebra: P. Cramer, 1986), p. 61. Ver também P. Allen, ‘Rewe’s accident’, em Alan B. Lloyd (ed.), *Studies in pharaonic religion and society in honour of J. Gwyn Griffiths* (Londres: The Egyptian Exploration Society, 1992), pp. 14-20, com texto em hieróglifos, transliteração e tradução.

24. Ver Alessandro Roccati, *op. cit.* na nota 21, § 78.

25. Biblioteca histórica, com texto grego estabelecido por Pierre Bertrac e tradução de Yvonne Vernière (Paris: Belles Lettres, 1993).

Sem dúvida irei navegar! Que me tragam vinte remos de ébano incrustados de ouro, com os cabos de sândalo lavrados de ouro. Que me tragam [também] vinte mulheres belas de corpo, seios firmes, cabelos trançados e cujo ventre não tenha crescido com a gravidez. Que me tragam [por fim] vinte redes de cabelo e que sejam dadas a essas mulheres ao se despirem.²⁶

Não só a visão da nudez de belas mulheres distraía e alegrava o coração de Senéfru. Em outro texto vemo-lo, logo após uma audiência com seus conselheiros, fazê-los retornar e pedir que procurassem “um de seus filhos que seja sábio, ou um de seus irmãos que se tenha distinguido, ou um de seus amigos que tenha praticado uma bela ação e que seja capaz de dizer-me algumas belas palavras, sentenças escolhidas que Minha Majestade se distrairá em ouvir”.²⁷ Seu filho Quéops também se distraía fazendo com que cada um de seus filhos lhe contasse uma história diferente.²⁸

Aqui vemos apenas faraós entediados em busca de ameno lazer. No entanto, podiam sentir-se profundamente solitários e, pior, cercados de gente hostil e sem amigos a quem recorrer ou aconselhar-se. Assim deve ter-se sentido a rainha Nitócris (em egípcio Net-iqerti, ‘[A deusa] Neit é excelente’), que ascendeu ao Trono no lugar de seu marido assassinado em meio a intrigas palacianas. Heródoto (II, 100) diz ter ouvido a história dos sacerdotes: sem compartilhar o ódio e o sofrimento com ninguém, mandou construir um aposento subterrâneo e a pretexto de inaugurá-lo convidou os implicados no assassinio; em plena festa, porém, inundou-o completa e rapidamente com a água canalizada do Nilo, e em seguida suicidou-se deixando queimar seu corpo numa câmara cheia de brasas. Essa rainha realmente existiu, embora os monumentos silenciem sobre ela. Seu nome aparece no cânone real do

26. Papiro Westcar, ver nota 16.

27. Profecias de Neférti, ver nota 18.

28. Relatos do Papiro Westcar, ver nota 16.

Museu de Turim e pode ter sucedido o rei Meren-Ra II, com ela encerrando-se a sexta dinastia e o Reino Antigo.²⁹ O sacerdote egípcio Maneto, que viveu no reinado de Ptolomeu II Filadelfo (285-246 a.C.) e escreveu uma história de seu país conhecida apenas por fragmentos, não só registra seu nome como acrescenta que era “mais corajosa que todos os homens de seu tempo, a mais bela de todas as mulheres, de pele clara e bochechas rosadas”.³⁰

No caso de Nitócris temos uma narrativa de fundo oral sobre a solidão desesperada de uma rainha, mas pelo menos em outra história possuímos um relato escrito assinado por Amen-em-hat I, fundador da 12ª dinastia, nos *Ensinamentos* para seu filho Sen-useret I.³¹ Não sabemos de fato se o texto deve-se ao próprio Amen-em-hat ou a Sen-useret, porém mesmo nesta última hipótese o velho rei decerto desabafara o suficiente com o filho para que houvesse elementos que possibilitassem a composição.³² De qualquer forma, narra-se aí na primeira pessoa um atentado contra o faraó solitário: “Foi depois do jantar, ao cair a noite. Recolhia-me para um momento de repouso, deitado em minha cama, pois estava cansado”. Subitamente percebeu que sua guarda lutava contra os conspiradores e o todo-poderoso faraó diz ter-se sentido desprotegido “como uma cobra no deserto” e que “de fato eu não estava preparado para isso, não esperava isso, não previra a negligência dos criados”. Não é de surpreender que Amen-em-hat se

29. Cf. Alan Gardiner, *Egypt of the pharaohs* (Oxford: Clarendon, 1962), pp. 102 e 436, Jean Vercoutter, *L'Égypte et la vallée du Nil: des origines à la fin de l'Ancien Empire* (Paris: Presses Universitaires de France, 1992), pp. 315-317, 346, 353-355, e Alan B. Lloyd, *op. cit.* na nota 10, vol. 3, pp. 13-15.

30. Versão armênia de *Eusébio*, tradução de W. G. Waddell, Manetho (3ª reimpr., Londres: William Heinemann, 1964), p. 57.

31. Porções da obra encontram-se copiadas em fragmentos de papiros, numerosos óstracos, três tábulas de madeira e um rolo de couro. Ver Miriam Lichtheim, *op. cit.*, vol. 1, pp. 136-139, William Kelly Simpson, *op. cit.*, pp. 193-197, Claire Lalouette, *op. cit.*, vol. 1, pp. 57-59, e tradução recente em Richard B. Parkinson, *op. cit.* na nota 12, pp. 49-52.

32. Amen-em-hat: por exemplo Carolyn A. Thériault, ‘The Instruction of Amenemhet as propaganda’, em *Journal of the American Research Center in Egypt*, 30 (1993), pp. 151-160. Sen-useret: por exemplo Georges Posener, *op. cit.* na nota 13, pp. 73-75.

mostrasse uma pessoa extremamente amargurada e solitária, como revela o tom dos conselhos que dá a seu filho:

Guarda-te dos subordinados, [pois] não se está ciente dos que conspiram. Não te aproximes deles, [mas] não fiques sozinho. Não confies em irmão, não conheças amigo e não faças [ninguém] íntimo de ti, pois não há proveito nisso. Ao dormires, protege tu mesmo teu coração, pois nenhum homem tem amigos no dia da adversidade.

Eu dei ao mendigo e criei o órfão, dei prosperidade ao pobre e ao rico, mas aquele que comia meu pão levantou-se [contra mim], aquele a quem dei a mão aproveitou-se [disso] para conspirar. Os que se vestiam com meu linho fino olhavam para mim como se fossem necessitados.

Em um sentido diferente, também o grande Ramessés II sentiu a amargura da solidão. Jovem impetuoso, no quinto ano de reinado dirigiu seu exército até Kadesh, na Síria, onde na primavera de 1274 a.C. entraria em combate com os hititas, na disputa pelo controle da região. O relato minucioso da batalha foi reproduzido nas paredes de vários templos e em numerosos papiros,³³ e nele vemos um momento de profunda angústia sentida pelo faraó ao ver-se cercado pelo inimigo e, segundo ele, completamente sozinho: “Nenhum oficial está comigo, nenhum carreteiro, nenhum soldado do exército, nenhum porta-escudo”, além do que “nenhum dos meus soldados tem o pé firme para combater”. Deve ter sentido também muito medo, e em desespero fez uma prece ao deus Amon:

O que acontece contigo, meu pai Amon? Um pai pode esquecer seu filho? ...Que são para ti esses asiáticos, ó Amon,

33. Ver Miriam Lichtheim, *op. cit.*, vol. 2, pp. 60-72, e Claire Lalouette, *op. cit.*, vol. 1, pp. 108-119. Sobre a batalha de Kadesh ver Claude Vandersleyen, *L'Égypte et la vallée du Nil: de la fin de l'Ancien Empire à la fin du Nouvel Empire* (Paris: Presses Universitaires de France, 1995), pp. 524-530, com referências, e Kenneth A. Kitchen, *Pharaoh triumphant: the life and times of Ramesses II, king of Egypt* (Warminster: Aris & Phillips, 1983), pp. 53-62.

gente vil que não conhece o deus? ...Clamo por ti, meu pai Amon! Estou no meio de uma hoste de inimigos, todos os países uniram-se contra mim, estou só, não há ninguém comigo! Minha infantaria abandonou-me e nenhum dos meus carreteiros olha para mim. Grito por eles mas não ouvem quando os chamo!

Os faraós, contudo, passavam por outras situações embaraçosas, porém menos perigosas que a vivida por Ramessés II. A tradição oral conservou teimosamente pelo menos durante um milênio a fama de um faraó homossexual: Nefer-ka-Ra Pépy II, quinto soberano da sexta dinastia. Hoje a história do envolvimento secreto do rei com o general Sisenet é-nos conhecida por três manuscritos muito fragmentários: uma tábula de finais da 18ª dinastia, um óstraco da 20ª dinastia achado em Deir el-Medineh e um papiro tebano da 25ª dinastia.³⁴ Esses fragmentos são insuficientes para a reconstrução total da história, mas parece que o general estava prestes a ser processado num tribunal por sua indiscutível relação escabrosa com o faraó, testemunhada por um 'detetive' que confirma os rumores:

Então ele viu Sua Majestade, rei do Alto e do Baixo Egito, saindo de noite, completamente sozinho, sem ninguém com ele. Desviou-se, sem deixar que ele o visse. Tjéti, filho de Henet, parou e pensou: "Então é assim! O que dizem é verdade, ele sai à noite!".

Tjéti, filho de Henet, seguiu bem de perto este deus, sem deixar que seu coração o acovardasse, para descobrir tudo o que ia fazer. [O faraó] chegou à casa do general Sisenet e jogou uma pedra, [que] bateu [na porta], para que uma [escada] fosse baixada até ele. Então subiu, enquanto Tjéti, filho de Henet, esperava até o retorno de Sua Majestade. Depois que Sua Majestade tinha feito o que desejava com ele, voltou

34. Ver o texto em Georges Posener, 'Le conte de Néferkarè et du general Siséné', em *Revue d'égyptologie*, 11 (1957), pp. 119-137, e mais recentemente Lisa Manniche, *Sexual life in ancient Egypt* (Londres: Kegan Paul, 1987), p. 73, e Richard B. Parkinson, *op. cit.* na nota 12, pp. 55-56.

para seu palácio e Tjéti o seguiu. Quando Sua Majestade entrou no palácio, Tjéti foi para casa.

Ora, Sua Majestade tinha ido à casa do general Sisenet quando se haviam passado quatro horas da noite, ficou outras quatro horas na casa do general Sisenet e [só] entrou no palácio quando faltavam quatro horas para o amanhecer. E Tjéti, filho de Henet, continuou seguindo-o todas as noites sem deixar que seu coração o acovardasse.

Peripécias transgressoras à parte, uma das pouquíssimas mulheres a assumirem o trono como faraó, a rainha Hat-shepsut viu-se um tanto atrapalhada justamente para não negar seu sexo. Filha de Tut-més I, casou-se com seu meio-irmão Tut-més II, quarto rei da 18ª dinastia, com quem teve uma filha, Nefer-ur-Ra. Ascendeu ao poder como regente do futuro Tut-més III, filho de uma esposa secundária de seu marido; quando este morreu, ela devia ter cerca de vinte anos de idade e ele cinco, mas logo a jovem regente assumiu por completo a função suprema de faraó, conservando a dignidade real em toda plenitude até o ano 22 de reinado, quando desapareceu da cena histórica.³⁵ Um antigo egiptólogo já observava que “os egípcios parecem ter sido decididamente rebeldes à idéia de um faraó mulher”, que por isso tinha sempre de enfrentar “a apreensão de um grande perigo: a desafeição da corte e do povo por uma mulher”.³⁶

Entretanto, ela moveu-se nesse meio hostil com habilidade e encontrou três bons argumentos para sua legitimação no poder: dizia-se filha do deus Amon, que copulara com sua mãe assumindo a forma de seu pai terrestre, o faraó Tut-més I, assegurava ter sido indicada para o cargo por este último, e por fim conseguiu a confirmação de sua pretensão por um oráculo de Amon. Teve igualmente o cuidado de não ferir a instituição predominantemente masculina: embora se sentisse embaraçada com certos títulos ré-

35. Sobre Hat-shepsut e seu governo ver Suzanne Ratié, *La reine Hatshepsut: sources et problèmes* (Leiden: E. J. Brill, 1979), e Claude Vandersleyen, *op. cit.* na nota 33, pp. 265-267 e 271-293, com referências.

36. Alexandre Moret, *Rois et dieux d'Égypte* (Paris: Armand Colin, 1911), pp. 30-31.

gios, como 'touro potente', que evitou, e empregasse para si os pronomes 'ela' ou 'sua' e não abrisse mão do sufixo *-t* que designava o gênero feminino, mesmo quando identificada a deuses (assim em Hor-t, 'Hórus feminino', Ra-t, 'Ra feminino'), assumiu por completo o papel masculino de faraó. Em outras palavras, deixou que a função real predominasse sobre a parte feminina sem abandonar sua condição sexual. Nas cenas rituais de sua capela no templo de Karnak, por exemplo, estava retratada como faraó homem,³⁷ mas nas estátuas sobressaem seus traços femininos, como a do acervo do Metropolitan Museum of Art de Nova York, com olhos ligeiramente amendoados, nariz estreito, boca pequena e bem conformada com lábios delicados, queixo delgado.³⁸ Bonita mulher, a rainha. Talvez por isso a maledicência corresse solta na corte e pelo país em relação à grande quantidade de privilégios concedidos a seu principal conselheiro, Senen-Mut. Julgou-se mesmo que um grafito de Deir el-Bahari satiriza a rainha e seu ministro, mostrando-os em animadíssima cópula anal.³⁹ Sem dúvida alguma era muito difícil ser mulher e faraó.

Mas a função era complicada mesmo, e infelizmente quase não dispomos de testemunhos devidos a seus próprios titulares. Vimos atrás, todavia, um desses raros depoimentos, o de Amenem-hat I, amargurado e solitário no palácio real. Também um dos reis heracleopolitanos do Primeiro Período Intermediário (nona e décimas dinastias) preocupava-se muito com o que se passava à sua volta, tanto que deixou uma espécie de testamento político para o filho, conhecido como *Ensinamentos para o rei Meri-ka-*

37. Cf. Marie-Ange Bonhême e Annie Forgeau, *op. cit.* na nota 1, figs. 28, 38-42 e 56-57.

38. Cf. W. Stevenson Smith, *The art and architecture of ancient Egypt* (2ª ed. revista por William Kelly Simpson, New Haven / Londres: Yale University Press, 1981), figs. 229-230. Os mesmos traços em duas cabeças do Museu do Cairo, figs. 226-227.

39. Assim sustenta John Romer, *People of the Nile: everyday life in ancient Egypt* (Nova York: Crown, 1982), pp. 158-159, contestado por Edward F. Wente, 'Some graffiti from the reign of Hatshepsut', em *Journal of Near Eastern studies*, 43 (1984), pp. 47-54.

Ra.⁴⁰ Recomenda aí extremo cuidado no trato com os que cercam o monarca: “Não prefiras o filho de um homem [rico] ao de um homem pobre, escolhe um homem pelo que faz”. Mais ainda, a franqueza, aliada a esse cuidado na escolha de auxiliares próximos, é o que na verdade dá segurança ao rei: “Grande é o grande homem cujos grandes homens são grandes, forte é o rei que tem conselheiros, opulento é o que é rico em seus nobres. Dize a verdade em tua casa, para que os grandes do país possam respeitar-te”. Embora não tivesse complacência com chefes de rebeliões (“elimina-o, mata-o, apaga seu nome, destrói sua facção, bane a memória dele”), parecia ser um homem cordato e sensato: “Não sejas mau, a benevolência é boa, faze tua lembrança durar por amor a ti”. Acreditava mais no convencimento do que na força: “Sê destro na fala e convencerás, [pois] a língua é a espada de um rei: as palavras têm mais força que qualquer combate, o destro [na fala] não é vencido”. E, caso único, um faraó admite por escrito sua falibilidade, o que é de fato extraordinário partindo de um ser que compartilhava do divino:

Eis que uma ação vil aconteceu em meu tempo: o nomo de Tínis foi devastado. Isso aconteceu, mas não em consequência do que eu fiz, e soube do fato [só] depois que sucedera. Vê o resultado do meu erro, pois é desastroso destruir, inútil restaurar o estragado, reconstruir o demolido. Guarda-te disso. Um golpe é retribuído por outro, para cada ação há uma reação.

Temos aqui um faraó realmente franco, que admitia ter errado. A vida de um monarca egípcio, entretanto, não se constituía só de tribulações, tédio, solidão. Também tinha seus momentos de distração e lazer. Já vimos atrás como o faraó Senéfru distraía-se

40. Preservado em três cópias fragmentárias em papiros. Ver Miriam Lichtheim, *op. cit.*, vol. 1, pp. 99-109, William Kelly Simpson, *op. cit.*, pp. 181-192, e Claire Lalouette, *op. cit.*, vol. 1, pp. 50-57. Mais recentemente, Joachim Friedrich Quack, *Studien zur Lehre für Merikare* (Wiesbaden: Harrassowitz, 1992), com transliteração e tradução.

passeando de barco cheio de belas jovens nuas e como ele mesmo e seu filho Quéops compraziam-se em ouvir histórias. No texto *O camponês eloqüente* (ou *O oasiano eloqüente*),⁴¹ um faraó da décima dinastia, Neb-kau-Ra (Khéti III?), ordena que se prolongue um processo judicial pelo simples prazer de poder ler depois a oratória brilhante de um homem que se dizia injustiçado; após nove perorações o rolo de papiro foi enviado ao faraó e seu conteúdo “agradou o coração de Sua Majestade, mais que qualquer coisa em todo este país”.

Enquanto esses monarcas gostavam de ouvir enredos bem contados e de uma boa oratória, o faraó Nefer-ka-Ra Pépy II, aquele mesmo pilhado em secretas diversões noturnas com um general, em criança deleitava-se com o bizarro. Com efeito, ele devia ter cerca de dez anos (era rei sob a regência da mãe e de um tio) quando enviou a seguinte carta a Herkhuf, alto funcionário em expedição pela Núbia, no sul do Egito, em que parecia não se importar muito com os produtos que lhe seriam levados, e sim com um pigmeu.⁴²

Tomei conhecimento das palavras desta tua carta, que endereçaste ao rei no palácio, para informar que descias de volta em paz da terra de Yam com o exército que te acompanhara. Disseste nesta tua carta que trazias toda espécie de bom produto, que [a deusa] Hator, senhora de Imaau, dera para o ka do rei do Alto e do Baixo Egito, Nefer-ka-Ra, que viva para todo o sempre.

Disseste [também] nesta tua carta que trazias um pigmeu, para as danças do deus, da terra dos habitantes do horizonte, idêntico ao pigmeu que trouxera de Punt o porta-selo do deus, Ur-djed-deba, no tempo do rei Isési. Afirmaste à

-
41. Conhecido por três cópias em papiros no Museu de Berlim (n^{os} 3.023, 3.025 e 10.499) e uma no Museu Britânico (n^o 10.274). Ver Gustave Lefebvre, *op. cit.*, pp. 47-69, Miriam Lichtheim, *op. cit.*, vol. 1, pp. 170-184, William Kelly Simpson, *op. cit.*, pp. 31-49, e Claire Lalouette, *op. cit.*, vol. 1, pp. 197-211.
42. O cortesão sentiu-se tão honrado com a carta que a reproduziu no fim de sua autobiografia, gravada no seu túmulo em Assuã. Ver Miriam Lichtheim, *op. cit.*, vol. 1, pp. 23-27, Claire Lalouette, *op. cit.*, vol. 1, pp. 168-173, Alessandro Roccati, *op. cit.* na nota 21, §§ 177-188, e Erik Hornung, *op. cit.* na nota 1, pp. 344-345.

Minha Majestade que nunca um pigmeu semelhante havia sido trazido por nenhum dos que tinham ido antes à terra de Yam.

Na verdade sabes fazer o que teu senhor gosta e prefere. Passas dia e noite pensando em fazer o que teu senhor gosta, prefere e ordena. [Por isso] Minha Majestade agirá de modo a que se dêem a ti numerosas e excelentes honrarias, que [ainda] serão ornamento ao filho de teu filho para sempre, e a que toda gente diga ao ouvir o que Minha Majestade fez por ti: “Há coisa igual ao que se concedeu ao amigo único Herkhuf, quando ele desceu de Yam, devido ao zelo que empregou na execução do que seu senhor gostava, preferia e ordenava?”.

Volta, pois, para a Residência imediatamente, deixa tudo e traz contigo esse pigmeu que conduzes da terra dos habitantes do horizonte vivo, são e salvo para as danças do deus e para alegrar e divertir o coração do rei do Alto e do Baixo Egito, Nefer-ka-Ra, que viva para todo o sempre.

Ao desceres com ele na barca, coloca homens cuidadosos em torno dele, nos dois lados da barca, para evitar que caia na água. Quando ele se deitar à noite, coloca homens cuidadosos deitados em torno dele na cabina. Inspeciona dez vezes durante a noite. Minha Majestade deseja ver esse pigmeu mais que a todos os produtos do Sinai e de Punt.

Se chegares à Residência e esse pigmeu estiver contigo vivo, são e salvo, Minha Majestade dar-te-á uma recompensa maior que a dada ao porta-selo do deus, Ur-djed-deba, no tempo do rei Isési, equivalente ao desejo de Minha Majestade de ver esse pigmeu.

Deram-se ordens ao governador da cidade nova, amigo e diretor dos sacerdotes, para que ordene sejam mandados víveres [a ti] de cada depósito e de cada templo, sem qualquer exceção.

Reconhece-se facilmente, como William Stevenson Smith, “o vivo prazer de uma criança a quem se deu o presente de um anão que dançava”.⁴³ Impaciente, exigia pressa e todo cuidado no

43. ‘The Old Kingdom in Egypt and the beginning of the First Intermediate Period’, em I. E. S. Edwards et al. (eds.), *The Cambridge Ancient History* (3ª ed., vol. 1, parte 2, Cambridge: Cambridge University Press, 1971), pp. 145-207, citação na p. 195.

transporte do tal pigmeu, missão que resultaria em generosa recompensa ao chefe da expedição. Erik Hornung observa que “através da estilização de um funcionário da corte imagina-se a alegria infantil do rei ao ver enfim ‘reimportado’ no Egito, um século após o primeiro, um pigmeu do interior da África: esse anão dançarino devia não só desempenhar funções no culto, mas também entreter a corte real”.⁴⁴ Mais do que isso, porém, e subjacente à “alegria infantil do rei”, o que igualmente aí se revela é a máquina do Estado (atente-se para o fim da carta) a serviço de um menino egoísta e mimado ansioso por um ‘brinquedo’ diferente porque vivo e, quisesse ou não, obrigado a dançar.

Em contrapartida, é possível contemplar cenas de um faraó em seu amor sereno e adulto por sua bela rainha, tais como as transmitidas por Amen-hotep IV, da 18ª dinastia, que realizou transformação religiosa radical e mudou seu nome para Akh-en-Aton. De forma pouco habitual na arte egípcia, Akh-en-Aton e sua amada Nefert-iti (que significa ‘A Bela chegou’) fazem-se representar juntos, sozinhos ou acompanhados de suas filhas, como a demonstrar que formam uma família completamente feliz sob as bênçãos do deus Aton. O rei e a rainha estão quase sempre juntos nas cerimônias oficiais, como quando chegam ao templo⁴⁵ e ali fazem oferendas a seu deus⁴⁶ e acompanham o culto,⁴⁷ ou ainda quando aparecem na janela do palácio para receber homenagens.⁴⁸ Há igualmente cenas íntimas onde vemos, por exemplo, o casal beijando-se ternamente na boca durante um passeio de carro,⁴⁹ assim como os dois sentados diante um do outro, ele com uma filha nos braços, ela com uma no braço debruçada sobre o ombro e outra no

44. *Op. cit.*, na nota 1, p. 345.

45. Jacques Vandier, *Manuel d'archéologie égyptienne* (6 vols. em 8 tomos, Paris: A. et J. Picard, 1952-1978), vol. 4, fig. 377.

46. *Idem, ibidem, loc. cit.*, figs. 379, 380, 386, e Barry J. Kemp, *Ancient Egypt: anatomy of a civilization* (reimpr., Londres: Routledge, 1991), fig. 93.

47. Jacques Vandier, *op. cit., loc. cit.*, fig. 378.

48. Barry J. Kemp, *op. cit.*, fig. 92.

49. Jacques Vandier, *op. cit., loc. cit.*, figs. 374-375, e Barry J. Kemp, *op. cit.*, fig. 90.

colo,⁵⁰ ou ainda a família no ato da refeição, quando a rainha servia pessoalmente bebida ao marido.⁵¹ Pode-se pensar nessas cenas como recurso de propaganda para aproximar o rei e sua família dos súditos num momento de afirmação da nova teologia, ou também como a apresentação de uma família unida em torno do culto do deus que se impunha sobre o velho panteão.⁵²

Na história de Sanehet⁵³ também vemos um faraó, Senusert I, da 12^a dinastia, cercado por sua família, mas aqui o personagem não só descreve uma audiência formal, reproduzindo o diálogo ali travado, como revela ao final um gracejo do rei em torno da situação. Sanehet, com efeito, auto-exilara-se durante a crise da sucessão após o assassinio de Amen-em-hat I. Muitos anos depois, tendo vivido e prosperado entre os asiáticos, o faraó chama-o de volta à Corte e ele retorna. Eis a narração do encontro:

Os cortesãos que introduzem [as pessoas de fora] no átrio levaram-me ao salão de audiências. Encontrei Sua Majestade no grande trono em um nicho de ouro. Estendi-me sobre meu ventre e perdi os sentidos diante dele, embora este deus me acolhesse amavelmente. Eu era como um homem apanhado pela escuridão, meu espírito se fora, meus membros fraquejaram, meu coração não estava no corpo, eu não sabia o que era vida ou o que era morte.

Então Sua Majestade disse a um dos cortesãos: “Levanta-o, deixa-o falar-me”. [Em seguida] Sua Majestade disse-me: “Eis que voltaste, depois de vagares por terras estrangeiras. A fuga cobrou seu tributo de tí. Envelheceste, chegaste a uma idade avançada. Não é de desprezar que teu cadáver seja sepultado sem o séquito de asiáticos. Mas não fiques assim, não fiques calado quando teu nome é pronunciado”. Porém eu tinha medo de uma punição e repliquei com a resposta de um homem temeroso: “O que me disse meu senhor

50. Barry J. Kemp, *op. cit.*, fig. 94.

51. Jacques Vandier, *op. cit.*, *loc. cit.*, figs. 381-383.

52. Um bom resumo sobre Akh-en-Aton e sua reforma religiosa encontra-se em David P. Silverman, *op. cit.*, na nota 17, pp. 74-87.

53. Ver nota 4.

que eu possa responder? Que eu não ofenda o deus. É o terror que está em meu corpo, como o que sucedeu na fatal fuga! Eis que estou diante de ti. Tua é a [minha] vida. Que Tua Majestade faça como te aprouver”.

Logo depois as princesas foram introduzidas e Sua Majestade disse à rainha: “Aqui está Sanehet, que volta como um asiático criado por asiáticos”. Ela deu um grande grito e as princesas clamaram todas ao mesmo tempo, dizendo a Sua Majestade: “De fato não é ele, ó soberano, meu senhor!”. Então Sua Majestade afirmou: “É ele mesmo!”.

E todos devem ter rido muito do humor faraônico. Risos também decerto provocava o faraó Amásis (Ah-mes II), da 26ª dinastia, no Período Tardio (século VI a.C.), mas por outro motivo. A tradição recolhida por Heródoto (II, 173-174) um século depois do reinado de Amásis apresenta-o em dois momentos de sua vida: antes da ascensão ao Trono, como uma espécie de vagabundo folgazão que chegava a praticar furtos para sobreviver, e depois como faraó que trabalhava diligentemente na parte da manhã e o resto do dia embriagava-se e divertia-se. Pelo menos uma fonte egípcia ptolomaica, cerca de dois séculos após a visita de Heródoto, parece confirmar a fama de bebedor daquele faraó, na história sobre aventuras de um marinheiro (papiro em escrita demótica na Biblioteca Nacional de Paris):⁵⁴

Um dia aconteceu, no tempo do rei Ah-mes, que o rei disse a seus grandes: “Gostaria de beber o *kelebi* do Egito”.⁵⁵ Eles responderam: “Ó, nosso grande senhor, é pesado beber o *kelebi* do Egito”. Ele retrucou-lhes: “Vocês pretendem impedir-me de fazer o que eu disse?”. Responderam-lhe: “Ó, nosso grande senhor, aquilo que agrada ao rei, que o faça”. O rei ordenou: “Que me tragam algum *kelebi* do Egito no lago!”. Assim o fizeram, de acordo com a ordem do rei. O rei banhou-se com seus filhos e não havia qualquer outro vi-

54. Tradução em Gaston Maspero, *Popular stories of ancient Egypt* (trad. ingl., revista pelo autor, da 4ª ed. franc., Londres: H. Grevel, 1915), pp. 281-282.

55. Uma espécie de vinho muito encorpado.

no com eles, a não ser o *kelebi* do Egito. Ora, o rei deleitava-se com seus filhos e bebeu vinho em grande quantidade, pois não se saciava em tomar o *kelebi* do Egito, e então foi dormir no lago ao anoitecer daquele dia, pois fez com que os marinheiros levassem uma cama sob um caramanchão à beira do lago.

Pela manhã o rei não pôde levantar-se por causa da enorme embriaguez em que mergulhara. Quando passou uma hora e ele ainda não se levantara, os cortesãos lamuriavam-se, dizendo: "Será possível que o rei tenha se embriagado mais do que qualquer homem no mundo e ninguém possa entrar para tratar com ele?". Os cortesãos, portanto, entraram no lugar onde estava o rei e perguntaram-lhe: "Ó, nosso grande senhor, o que o rei deseja ordenar?". O rei respondeu: "O que eu quero é ficar muito bêbado. ...Não há ninguém entre vocês que possa contar-me uma história para que eu me mantenha acordado?".

Aqui voltamos à velha forma do rei que se distrai ouvindo alguém contar histórias. Com essa tradição tardia que consigna a existência de um faraó contumazmente bêbado, encerro o levantamento – aliás não exaustivo – da galeria de soberanos egípcios dos quais podemos nos aproximar o suficiente para entrever seu lado humano em atitudes e sentimentos dificilmente discerníveis na maioria esmagadora das pessoas que tiveram o privilégio de ascender ao Trono do país mais duradouramente respeitado do Oriente Próximo antigo. Essa aproximação de sua faceta de simples mortal, no entanto, suscita uma série de questões, dentre as quais escolhi apenas duas para breve reflexão.

Uma primeira e manifesta questão reside justamente na dicotomia humano/divino na pessoa do faraó. É complicado para nosso entendimento moderno imaginar um personagem que compartilhava ao mesmo tempo da esfera divina e da humana; ele era um deus e como tal recebia culto após a morte e não raro mesmo em vida, mas também todos sabiam que tinha nascido e iria morrer como qualquer ser humano. O egípcio antigo, no entanto, em muitos pontos não pensava e não agia como nós, em particular na apreensão do funcionamento dual do cosmo, que não podia ser

concebido senão em termos de parênteses: ordem e caos, fértil e desértico, solar e ctônico, pares de deuses, luz e trevas etc. Tal dualidade significaria para nós elementos contrapostos e contraditórios entre si, mas o egípcio concebia em amálgama complexo esses elementos, que só faziam sentido quando considerados em conjunto e em termos de complementaridade. Assim, o faraó operava na Terra como indivíduo humano entre os humanos, mas só ele detinha uma função própria dos deuses como encarregado de manter a ordem cósmica: podia falhar como homem, mas não como deus.

Se assim era, o duplo papel do faraó leva-nos à segunda questão: como sentiam os egípcios antigos o desempenho de seu monarca nas duas esferas? Já o dissemos: não eram esferas dicotômicas, mas complementares, porém em alguns casos aquele personagem distante deixa entrever-se em sua humanidade. Sua apresentação oficial continuava idealizada e assim tinha de ser, porquanto a estabilidade e a harmonia cósmicas dependiam dessa imagem formalizada para ser eterna: enquanto a imagem fosse a mesma, eterna porque feita sob cânones inviolados, tudo seria o mesmo, sob a garantia do faraó em sua função divina. Havia, porém, a representação não oficial, em que o nome do soberano aparecia carinhosamente até em diminutivos ou abreviações: assim em Ameny (abreviação de Amen-em-hat I, fundador da 12ª dinastia), Any (hipocorístico de Amen-hotep I, da 18ª dinastia), Mes (diminutivo de Amen-mes, da 19ª dinastia) etc.⁵⁶ Ao contrário, vimos acima que também havia críticas, abertas ou veladas, ao comportamento *humano* do faraó, e assim ele podia aparecer na tradição como déspota, mulherengo, pusilânime, homossexual, bêbado e assim por diante.

Ora, nossa visão baseia-se essencialmente em fontes escritas copiadas e recopiadas ao longo de períodos extensos, o que nos remete ao problema de sua confiabilidade como relato verda-

56. Cf. Marie-Ange Bonhême e Annie Forgeau, *op. cit.* na nota 1, p. 314.

deiro, visto que a maioria delas se encaixa em padrões propriamente literários, só que, no caso, apresentando a particularidade de possuir o rei como objeto de recepção literária. Muitos textos, com efeito, são pseudepigráficos, vale dizer, histórias atribuídas a outrem ou desenroladas num passado bem delimitado para conferir precedente prestigioso ou justificar alguma pretensão. Um uso corrente dessa prática residiria na propaganda política deste ou daquele rei ou até de determinada dinastia, a exemplo da popularidade de Senéfru na 12^a dinastia.⁵⁷ Mas é preciso alguma cautela nesse tipo de abordagem, primeiro porque os textos eram consumidos apenas por uma elite culta, e segundo, em consequência, jamais chegavam ao grosso da população, que sequer saberia lê-los.⁵⁸ Afinal,

que o rei pudesse ser um objeto preferido da criação literária, ademais, é facilmente compreensível na composição de uma história textual em que essa figura ...era sempre o pivô entre uma realidade política, funcional e presa na situação, e uma ficção literária, mítica e presa no abstrato: do ponto de vista literário, o rei egípcio estava sempre em posição equívoca na encruzilhada entre a sociedade humana e o papel divino, entre a trama privada e a história cultural.⁵⁹

Era assim que a imagem do faraó se apresentava aos olhos de seus súditos, e era assim que podia aparecer o seu lado humano em narrativas de transmissão marcadamente oral e de ampla audi-

57. Essa discussão tem praticamente como ponto de partida o trabalho de Georges Posener, *op. cit.* na nota 13. Desenvolvimento recente em William Kelly Simpson, 'Belles lettres and propaganda', em Antonio Loprieno (ed.), *Ancient Egyptian literature: history and forms* (Leiden: E. J. Brill, 1996), pp. 435-443, com referências.

58. Cf. John Baines, 'Contextualizing Egyptian representations of society and ethnicity', em Jerrold S. Cooper e Glenn M. Schwartz (eds.), *The study of the ancient Near East in the twenty-first century: the William Foxwell Albright Centennial Conference* (Winona Lake, Ind.: Eisenbrauns, 1996), pp. 339-384, particularmente pp. 345-360.

59. Antonio Loprieno, 'The King's Novel', em *idem*, *op. cit.* na nota 57, pp. 277-295, citação na p. 286.

ência.⁶⁰ Alguns desses relatos chegaram até nós em forma escrita e neles fica patente não só a persistência do faraó em geral e de alguns nomeados especificamente em vigorosa tradição oral (em parte recolhida por autores gregos), como a maneira pela qual eram vistos pelo egípcio antigo: um deus visível de quem todos se aproximavam quando contavam ou ouviam algo não sobre seus feitos heróicos ou sobrenaturais, mas sobre as fraquezas que o igualavam a qualquer ser humano. Esse era o lado que podia ser amado, odiado, criticado, elogiado no nível comum a todos. Quem suportaria, de resto, conviver todo o tempo com um deus?

60. Cf. Christopher Eyre e John Baines, 'Interactions between orality and literacy in ancient Egypt' em K. Schousboe e M. T. Larsen (eds.), *Literacy and society* (Copenhague: Akademish, 1989), pp. 91-119.